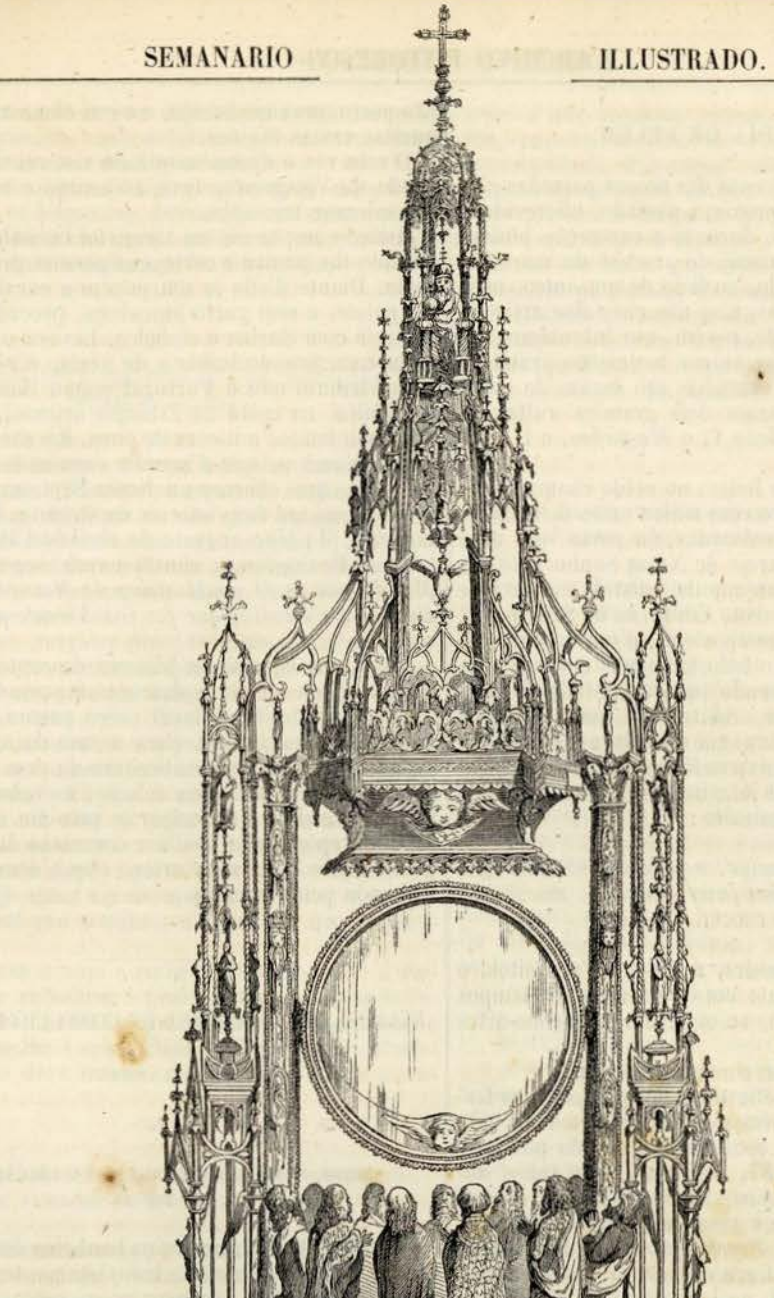


A custodia dos Jeronimos — Desenho de Nogueira da Silva. — Gravura de Coelho.

A CUSTODIA DE BELEM.

Este precioso monumento das nossas passadas glorias esteve, no anno proximo passado, offerecido á expectação do publico, durante a exposição philanthropica, na casa do risco, do arsenal da marinha. Alli foi visto e admirado, ao lado de um outro, mais sumptuoso em pedrarias, mas não em valor artistico e historico. Não se cuide, porém, que intentâmos deprimir a dadiva de um animo realmente grande e piedoso; uma e outra custodias são dignas de quem as offertou, e rememoram dois grandes vultos da historia nacional: D. João v, *o Magnifico*, e D. Manoel I, *o Afortunado*.

É feita a custodia de Belem no estilo chamado impropriamente gothico, e com maior razão manoelino. Representa uma das columnas da porta que abre para o meio-dia, na egreja de Nossa Senhora de Belem. Compõe-se de uma cupula, sustida em arcos e columnas de gracioso lavor. Em torno do Sanctuario, vê-se prostrados os doze apostolos, d'um desenho assaz correcto, ornando o todo folhagens em que pousam aves e insectos, sendo tudo esmaltado ao antigo: desgarros de uma architectura que, liberta e phantastica, não só abrangia e copiava todos os seres naturaes, senão que dava fórmas, donaires e gentilezas aos productos de imaginação. Em volta da base lê-se em letras de esmalte:

O muito. alto: principe. e poderoso. Senhor Rei D. manoel. I. a mandou fazer. do ouro. das parias de quilva. aquabou e. CCCCVI. ✠.

Este monumento mostra, a todos os respeitos, o grão de aperfeiçoamento em que n'aquelles tempos de gloriosa recordação, se achavam as bellas-artes entre nós.

Fallemos do seu merecimento historico.

Uma auspiciosa estrella tinha despontado nos fastos lusitanos; o alteroso gigante, extremo de toda a Africa, era, em fim, conhecido. Avistado por Bartholomeu Dias, em 1487, dobrára-o, dez annos depois, em 20 de novembro, *Vasco da Gama, o forte capitão*, (1) dando-lhe a sina de *Cabo das Tormentas*, em *Cabo da Boa Esperança*. A 20 de maio do seguinte anno, com o ferro da ancora tomou posse, pela coroa de Portugal, na bahia de Calecut, d'onde volveu á patria, coberto de gloria.

Honrado o heroe dos Lusiadas com as bençãos e louvores dos seus compatriotas, e em maior effusão applaudido e levado nos braços do magnanimo rei, que tudo achava pouco para o galardoar, e que, sobre outras mercês e privilegios, o tinha nomeado almirante da Arabia, Persia, India, e de todo o Oriente; para outros de menos brios não havia mais que ficar-se em repouso, gozando os fructos de seus bens, e os titulos honrosos das suas victorias.

Não o entendia, porém, assim o nobre Vasco da Gama; aquella elevada alma, sequiosa de glorias para a sua patria, não lhe soffria que deixasse incompleta a empreza começada.

Vencido o Cabo, faltava render e avassallar reis. Accelera, portanto, a partida; corta todas as difficuldades; reembarca-se; e desdenhando as vagas e as tempestades, eil-o que vae desassombrado arrostar-se de novo com o temido Adamastor. No 1.° de setembro de 1453 era de volta em frente de Lisboa, onde surgiu com seis velas, em que vinham riquissimos thesouros. Em tempo tão breve, e com pouco dispendio da fazenda publica, soube o corajoso argonauta prestar serviços tão relevantes, deixando a nação portugueza conhecida, e o seu nome acatado n'aquellas vastas regiões.

(1) Lusiadas, Cant. I. est. XLIV.

D'esta vez o desembarque do viso-rei da India, já conde da Vidigueira, teve as honras e apparato de um solemne triumpho.

Assim que poz pé em terra, foi caminho do paço, fazendo-lhe pompa e cortejo as pessoas principaes da corte. Diante d'elle ia um pagem a cavallo, vestido em pelote, e sem gorra na cabeça, precedido de menestreis com clarins e atabales. Levava o pagem nas mãos uma grande bandeja de prata, e n'ella o primeiro tributo que a Portugal pagou Habraemo, rei de Quilôa, na costa da Ethiopia oriental. Era o tributo quinhentos miticaes de ouro. Recebeu-os el-rei, e logo mandou, que d'aquelle ouro se lavrasse uma custodia, que offereceu a Nossa Senhora de Belem, como primicias das victorias do Oriente. Do seu testamento, (1) feito aos sete de abril de 1517, no mosteiro de Penha-longa, consta a verba seguinte: *Item. Mando que se dê ao Mosteiro de Nossa Senhora de Belém, a Custodia, que fez Gil Vicente para a dita caza.*

Tal é, em resumo, a historia da custodia de Belem, tropheo elegante das nossas passadas glorias.

Esta joia de inestimavel preço passou, pela suppressão dos conventos, para a casa da moeda, e se guarda actualmente no thesouro da casa real. Para esta se tornou, como em refugio, ao cabo de quatro seculos; d'ahi veiu realçar e presidir á exposição philanthropica, pela bondosa concessão de um principe que sabe prezar as artes, e que é digno de ser estimado pelos homens.

BELLEZAS DA DOUTRINA DE CONFUCIO E MENCIO.

(Continuação).

I.

SOBRE O DEVER DE RENOVAR OU ESCLARECER OS POVOS.

Uns caracteres gravados na banheira do rei *Tching-Tang*, diziam: Renova-te completamente a cada dia; faze-te *novo*, cada vez mais *novo*, *renova-te* sempre.

O *Khang-kao* diz: Faze com que o povo se *renove*.

O *Livro dos Versos* diz:

« Não obstante a familia dos *Tcheou* possuir desde muito um principado real,

« Ella obteve do ceo (na pessoa de *Wen-wang*) uma investidura *nova*.

Isto prova que não ha cousa alguma que o sabio não possa levar até ao ultimo grão de perfeição.

II.

SOBRE O DEVER DE PREFIXAR SEU DESTINO NA PERFEIÇÃO OU SOBERANO BEM.

O passaro *fixa a sua morada* nas cavidades das montanhas: *fixando ahi a sua morada*, prova que conhece o logar de sua *destinação*: e o homem (a mais perfeita das creaturas) (2) não poderá saber tanto como o passaro! ?

Como a virtude de *Wen-wang* era vasta e profunda!

Como principe, *collocava sua destinação* na pra-

(1) Veja-se na Torre do Tombo, na Casa da Coroa, gaveta 16.

(2) É a explicação que dá o *Si-hiang*, desenvolvendo o commentario laconico de *Tchou-hi*: « O homem é de todos os seres o mais intelligente; se não podesse escolher o soberano bem para ahi se fixar, é que não seria tão intelligente como o passaro. »

tica da humanidade ou da benevolencia universal para os homens; como subdito, *collocava sua destinação* nos respeitos devidos ao soberano; como filho, *collocava sua destinação* na pratica da piedade filial; como pae, *collocava sua destinação* na ternura paternal; como membro social, *collocava sua destinação* na pratica da sinceridade e da fidelidade.

III.

SOBRE O DEVER DE TORNAR SUAS INTENÇÕES PURAS E SINCERAS.

As expressões *tornar suas intenções puras e sinceras* significam: Não desnatures tuas inclinações rectas, como as de fugir de um odor desagradavel, e de amar um objecto agradavel e seductor. É isto o que se chama a satisfação de si mesmo. Eis porque o sabio vela attentamente sobre suas intenções e pensamentos secretos.

Os homens vulgares que vivem descartados, e sem testimunhas, commettem acções viciosas: não ha cousa alguma má que não pratiquem. Em presença de um homem sabio que vela sobre si, fingem assimilharem-se-lhe, occultando sua perniciosa conducta; mas de que lhes serve essa dissimulação, se as apparencias os denunciam? Vêl-os, é como se lhes penetrasse no figado e nos rins. É porque o proverbio diz: *A verdade está no interior, e a sua fórma no exterior.* Por esta razão deve o sabio velar attentamente sobre suas intenções e pensamentos secretos, visto que ha dez olhos que o vêem, e dez mãos que o apontam.

As riquezas ornam e embellezam uma casa; a virtude orna e embelleza a pessoa: n'este estado de felicidade pura, a alma engrandece-se, e a substancia material que lhe é submettida utilisa tambem. É porque o sabio deve *tornar suas intenções puras e sinceras.*

IV.

SOBRE O DEVER DE SE APERFEIÇOAR COMPENETRANDO SUA ALMA DE PROBIDADE E RECTIDÃO.

Estas palavras, *corrigir-se de todas as paixões viciosas consiste em dar rectidão á sua alma,* querem dizer: Se a alma está perturbada pela paixão da colera, então não póde obter esta *rectidão;* se a alma está presa pelo temor, então não póde obter esta *rectidão;* se a alma está agitada pela paixão da alegria e do prazer, então não póde obter esta *rectidão;* se a alma está prostrada pela dor, então não póde obter esta *rectidão.*

Não sendo a alma senhora de si, olha e não vê; escuta e não ouve; come e não conhece o sabor dos alimentos. Isto explica porque a acção de *se corrigir de todas as paixões viciosas consiste na obrigação de dar rectidão á sua alma.*

V.

SOBRE O DEVER DE INTRODUZIR A BOA ORDEM NA SUA FAMILIA, APERFEIÇOANDO-SE.

O que significam estas palavras, *introduzir a boa ordem na familia consiste antes em corrigir-se de todas as paixões viciosas,* eis-aqui: Os homens são parciaes em favor de seus parentes e d'aquelles que amam; são tambem parciaes ou injustos para com aquelles que desprezam ou odeiam; para com os que respeitam e veneram, são egualmente parciaes ou servis; são parciaes ou muito misericordiosos [1] para com os que inspiram compaixão e piedade; são, em fim, parciaes tambem para com os que tratam com superioridade. É porque amar e reconhecer os defeitos d'aquelle que se ama, odiar e reconhecer as boas qualidades d'aquelle que se odeia, é uma cousa muito rara debaixo do ceo. [1]

D'ahi resulta o proverbio: *Os paes não querem reconhecer os defeitos de seus filhos, e os lavradores a fertilidade de suas terras.*

Isto prova que um homem que não se ha *corrigido de suas inclinações injustas* é incapaz de *introduzir a boa ordem na sua familia.*

VI.

SOBRE O DEVER DE BEM GOVERNAR UM ESTADO, INTRODUZINDO A BOA ORDEM NA SUA FAMILIA.

A expressão do texto, *para bem governar um reino, é necessario saber antes manter a boa ordem na sua familia,* póde explicar-se assim: É impossivel que um homem que não sabe instruir sua propria familia, possa instruir os homens. É porque o filho do principe, [2] sem sair de sua familia, se aperfeiçoa na arte de instruir e governar um reino. A piedade filial é o principio que o dirige nas suas relações com o soberano: a deferencia é o principio que o dirige nas suas relações com os mais velhos do que elle; a mais terna benevolencia é o principio que o dirige nas suas relações com a multidão. [3]

Uma unica familia que tenha humanidade e caridade basta para fazer nascer na nação suas virtudes de caridade e humanidade; uma unica familia que tenha civilidade e condescendencia basta para tornar uma nação condescendente e polida; um unico homem, o principe, [4] que seja avaro e concupiscente, basta para causar a desordem n'uma nação. Tal é o principio ou o mobil d'estas virtudes e d'estes vicios. É a letra do proverbio: *Uma palavra perde o negocio; um homem determina a sorte de uma nação.*

Yao e *Chun* governaram o imperio com humanidade, e o povo os imitou. *Kie* e *Tchesu* [5] governaram o imperio com crueldade, e o povo os imitou. É por estas razões que o principe deve praticar todas as virtudes, e excitar o povo a pratical-as. Se as não possue e as não pratica, não as deve exigir dos outros homens. Que todo o que nada tem de bom, cousa alguma de virtuoso no coração, seja capaz de

(1) É o sentido dos commentadores chinezes. A *Explicação do Kiang-i-pi-tchi* diz: «Para com os homens que soffrem e estão na miseria, que estão fatigados pelo soffrimento, alguns se abandonam a uma excessiva indulgencia, e são *parciaes.*»

(1) Quer dizer na terra.

O *Ti-kiang* exprime-se assim sobre este capitulo: «*Thseug-tseu* diz: A que o santo Livro (o texto de KHOUNG-TSEU) chama *introduzir a boa ordem na sua familia consiste antes em corrigir-se de todas as paixões viciosas,* significa: Todo aquelle que quizer *introduzir a boa ordem na sua familia,* deve saber que tudo consiste nos sentimentos de amizade ou d'aversão, d'amor e de odio que em nós existe, e que unicamente se trata de não ser *parcial* e *injusto* na expressão d'estes sentimentos. O homem deixa-se sempre naturalmente subjugar pelos sentimentos que o preoccupam, e, se vive no seio da familia, perde promptamente a regra dos seus deveres naturaes. É porque, em tudo quanto ama e em tudo quanto odeia, se torna *parcial* e *injusto, e não é correcto e melhorado.*

(2) A glosa de *Kiang-i-pi-tchi* diz que é o filho de um principe senhor de um reino que aqui se designa.

(3) Desembaraçando completamente o pensamento do philosopho da sua fórma chineza, vê-se que elle assimila o governo do estado ao da familia, e que, portanto, a seus olhos aquelle que possue todas as virtudes exigidas de um chefe de familia, possue egualmente todas as virtudes exigidas n'um soberano. É tambem o que diz o *Commentario imperial (Ti-kiang):* «Estas tres virtudes: a *piedade filial,* a *deferencia* para com os irmãos mais velhos, a *benevolencia* ou a affeição para com os parentes, são virtudes com as quaes o principe orna sua pessoa, instruindo ao mesmo tempo sua familia; ellas são geralmente a origem dos bons costumes, e em as comprehendendo, ou fazendo d'ellas uma grande applicação, faz-se por consequencia a regra de todas as suas acções. Eis-aqui como o filho do principe, sem sair de sua familia, se fórma na arte de instruir e governar um reino.»

(4) Por *um unico homem* indica-se *o principe. (Glosa).*

(5) Para conhecer estes soberanos da China, veja-se o *Résumé de l'histoire et de la civilisation chinoises, depuis les temps les plus anciens jusqu'à nos jours,* p. 33 e seg., e p. 61, 70, pelo sr. Pautier.

ordenar aos homens a pratica do bem, da virtude, é impossivel e contrario á natureza das cousas.

É porque *o bom governo de um reino consiste na obrigação prévia de introduzir a boa ordem na sua familia.*

VII.

SOBRE O DEVER DE CONSERVAR A PAZ E A BOA HARMONIA NO MUNDO, OU DO BOM GOVERNO NOS REINOS.

As expressões do texto *fazer gozar o mundo de paz e harmonia consiste em bem governar seu reino,* devem ser explicadas assim: Que todo aquelle que está n'uma posição superior, ou o principe, trate seu pae e sua mãe com respeito, e o povo terá piedade filial; que o principe honre a superioridade de edade entre os irmãos, e o povo terá deferencia fraternal; que o principe tenha commiseração pelos orphãos, e o povo será caridoso. É por isso que o principe tem na sua mão a regra e a medida de todas as acções.

O que vós reprovaes n'aquelles que estão acima de vós, não o pratiqueis para com aquelles que estão abaixo; o que vós reprovaes nos vossos inferiores, não o pratiqueis com vossos superiores; o que vós reprovaes n'aquelles que vos precedem, não o façaes áquelles que vos seguem; o que vós reprovaes n'aquelles que estão á vossa direita, não o façaes áquelles que estão á vossa esquerda; o que vós reprovaes n'aquelles que estão á vossa esquerda, não o façaes áquelles que estão á vossa direita: eis-aqui o que se chama a razão e a regra de todas as acções.

O *Livro dos Versos* diz:

« O unico principe que inspira alegria,
« É aquelle que é o pae e a mãe do povo! »

O que o povo ame, amar; o que o povo odeie, odear: eis-aqui o que se chama *ser o pae e a mãe do povo.*

O *Livro dos Versos* diz:

« Obtem a affeição do povo, e obterás o imperio;
« Perde a affeição do povo, e perderás o imperio. (1)

É porque um principe deve, antes de tudo, velar attentamente sobre seu principio racional e moral. Se possue as virtudes que d'este são a consequencia, possuirá o coração dos homens; se possue o coração dos homens, possuirá tambem o territorio; se possue o territorio, possuirá as rendas; se possue as rendas, poderá fazer uso d'ellas para a administração do estado. O principio racional e moral é a base fundamental; as riquezas apenas são os accessorios.

Tratar ligeiramente a base fundamental ou o principio racional e moral, e fazer muito caso do accessorio ou das riquezas, é perverter os sentimentos do povo, e excital-o ao roubo e ás rapinas.

É por esta razão que, se um principe não pensa senão em accumular riquezas, então o povo, para o imitar, abandona-se a todas as suas más paixões; se, ao contrario, dispõe convenientemente das rendas publicas, então o povo mantem-se na ordem e na submissão.

É tambem por isto que, se um soberano ou os magistrados publicam decretos e ordenanças contrarias á justiça, encontram uma resistencia tenaz á sua execução, e tambem por meios contrarios á justiça; se adquirem riquezas por meios violentos e contrarios á justiça, as perderão tambem por meios violentos e contrarios á justiça.

O *Khang-Kao* diz: « O mandato do ceo, que dá a soberania a um homem, não lh'a confere para sempre. » Significa que a obtem, praticando o bem ou a justiça, e que a perderá, praticando o mal ou a injustiça.

Ver um homem de bem e de talento, e não eleval-o; eleval-o, e não tratal-o com a deferencia que merece, é injurial-o. Ver um homem perverso, e não repulsal-o; repulsal-o, e não o afastar para bem longe, é uma cousa condemnavel para um principe.

Um principe que ame aquelles que são o objecto do odio geral, e que odeie aquelles que são amados de todos, faz o que se chama um ultraje á natureza do homem. Infalliveis calamidades virão cercar um tal principe.

Quando o principe ame a humanidade e pratique a virtude, é impossivel que o povo não ame a justiça; e quando o povo ame a justiça, é impossivel que os negocios do principe não tenham um feliz destino; é do mesmo modo impossivel que os impostos devidamente exigidos não sejam exactamente pagos.

Se os que governam os estados não pensam senão em accumular riquezas para seu uso pessoal, attrahirão indubitavelmente a si homens depravados; estes homens lhes farão crer que elles são ministros bons e virtuosos, e estes homens depravados governarão o reino. Mas a administração de tão indignos ministros acarretará sobre o governo os castigos divinos e as vinganças do povo. Quando os negocios publicos chegarem a este ponto, que ministros, ainda os mais justos e virtuosos, desviariam taes desgraças? O que significa que aquelles que governam um reino não devem fazer sua riqueza privada dos rendimentos publicos, mas que só da justiça e da equidade devem formar a sua unica riqueza.

(Continúa).

A TORRE INCLINADA DE SARAGOÇA.

Todo o curioso que, na realidade, ou nas descripções e nas gravuras, ha percorrido a Italia, conhece a torre inclinada de Pisa. Ha, porém, muito poucas pessoas que conheçam a torre inclinada de Saragoça, na Hespanha.

Os monumentos tambem tem seus destinos: uns são *felizes*, outros, não obstante os seus incontestaveis direitos á gloria, não chegam nem mesmo a produzir conversa.

Em quanto não vem a justiça, anticipemo-nos em dar á torre inclinada de Saragoça o logar que lhe compete.

A que deve a sua rival de Pisa a celebridade de que goza? A illustração da cidade? Pisa é uma bonita cidade de 30,000 almas, pouco mais ou menos, outr'ora de 150,000, e que figurou nas contendas das pequenas republicas italianas da edade media. Mas Saragoça, cidade de 50,000 almas, actualmente, e capital d'Aragão, teve n'outro tempo 200,000. Era, desde muitos seculos, o orgulho das Iberias, quando Augusto organisou ahi uma colonia romana e a appellidou de seu nome, *Cæsarea Augusta*, de que os hespanhoes fizeram *Zaragoza*, e nós Saragoça.

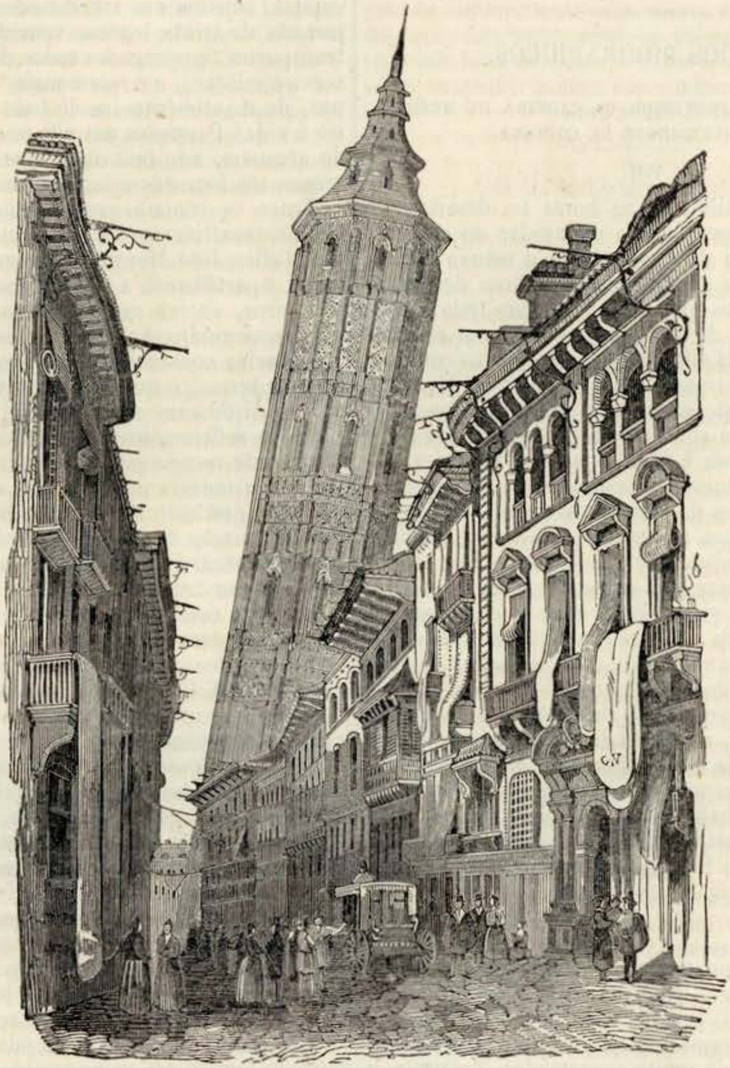
A campina que circunda a cidade toscana nada apresenta de superior ao aspecto, a um tempo elegante e grandioso que offerece Saragoça, realçando no meio dos seus jardins, e banhada por um rio e duas ribeiras, o Ebro, a Huerva e o Gallego. Muito mais rica que Pisa em recordações antigas, a cidade hespanhola adquiriu, na historia moderna, uma d'essas glorias que são, respeito ao brilho passageiro de uma pequena republica, o mesmo que o patriotismo de uma grande nação, respeito ao ardor ciumento de um municipio.

Saragoça teve a honra de personificar o culto da

(1) O *Ho-kiang* diz a este respeito: « A fortuna do principe depende do ceo, e a vontade do ceo existe no povo. Se o principe obtem a affeição e o amor do povo, o Muito-Alto o olhará com complacencia e o firmará no throno; mas se elle perde a affeição e o amor do povo, o Muito-Alto o olhará com colera, e o principe perderá o seu reino. »

independencia hespanhola contra a invasão franceza. Em 1808 e 1809, os seus cidadãos, sob o commando de um heroe, D. José de Palafox, sustentaram dois cercos mortiferos: o primeiro, de 61 dias, no fim do qual os francezes foram obrigados a retirar-se; o segundo, de 60 dias, que terminou pela mais honrosa das capitulações. Entre o 20 de dezembro de 1808 e o 20 de fevereiro de 1809, ultimo dia do segundo cerco, 54,000 homens perderam a vida sobre as muralhas. Cada rua, cada casa, foram disputadas ao inimigo com o encarniçamento do desespêro; sacerdotes, mulheres e crianças, combateram pela patria até ao ultimo suspiro.

Como Pisa, Saragoça é hoje uma cidade quasi deserta. Nas suas ruas estreitas, mas regularmente edificadas, circulam alguns raros habitantes, homens com seus largos capotes pardos, com seus chapeos de grandes abas inclinadas sobre os olhos; mulheres envoltas em seus mantos de sarja, e por entre os quaes apenas se divisam os rostos. Perdendo os tres quar-



A torre inclinada de Saragoça.

tos da sua população dos antigos dias, a cidade de pedra ostenta-se ainda, como outr'ora, sempre immensa, mas com a alma partida.

E n'este vasto tumulo que se ergue a curiosa torre, cuja imagem damos hoje na gravura. Chamam-lhe a Torre-Nova, se bem que a sua construcção remonte a 1504. Está isolada no centro da praça S. Philippe. Tem d'altura 70 metros, e sobe-se a ella por uma escada de 284 degráos. Quando se chega á ultima janella, que se abre na summidade da torre, e se olha para baixo, fica-se aterrado ao ver a grande inclinação, que parece precipitar sobre a praça as suas paredes e o espectador; recua-se involuntariamente. Esta inclinação não é menor de 6 metros.

A torre inclinada de Pisa, que se chama o *Campanile torto*, apenas tem 63 metros de altura, e a inclinação total não passa de 5 metros.

Foi de proposito, por um capricho extravagante, que os architectos d'estes dois monumentos os lançaram nos ares fóra do prumo? Em quanto a Pisa, póde-se negar affoitamente. O *Campanile torto* consiste em uma base ornada de columnas, que supporta seis ordens de arcadas sobrepostas de uma torre de um diametro menos consideravel do que a base. A tradição diz que esta base se achava já levantada quando o solo abateu de repente: o architecto levantou a torre sobre uma base inclinada. Póde ser que lhe parecesse difficil a terminação da sua obra; mas, seguramente, não teve a idéa de illudir as leis do equilibrio.

Quanto á Torre-Nova de Saragoça, é construida de ladrilhos, ligados por um cimento que os seculos endureceram. O abatimento do solo teria logar depois da erecção da torre, e já quando a adherencia das partes formava um todo que mesmo uma inclinação maior não seria capaz de desfazer.

O *Campanile torto* e a torre inclinada de Saragoça não seriam, se o architecto as houvesse querido assim, senão barbarismos d'arte: suspensas nos ares por uma força invisivel, estes dois monumentos lembram o atrevimento do genio e a fragilidade de suas obras.

ESTUDOS BIOGRAPHICOS.

JOSÉ MAURICIO, PROFESSOR DA CADEIRA DE MUSICA NA UNIVERSIDADE DE COIMBRA.

VIII.

Empregando utilmente as horas no desempenho das funcções professionaes e de mestre de capella; repartindo o resto do tempo entre o estudo da sua arte predilecta e a convivencia affectuosa de sua familia, e dos amigos que lhe tributavam toda a consideração e estima de que se fazia credor por seu elevado merito, e pela affabilidade e franqueza com que a todos recebia e tratava; a vida de José Mauricio corria placidamente no remanso de uma invejavel tranquillidade. Em sua casa, situada no bairro das Ameias, ainda agora habitada por seus parentes, reunia-se com frequencia a mais escolhida companhia de curiosos e amadores de musica. Notavam-se entre os concorrentes a estes saráos artisticos, bom numero de pessoas qualificadas pela nobreza de seu nascimento, ou distinctas por sua cathegoria na ordem social, muitas das quaes elle proprio iniciára nos segredos da harmonia. Alli se executavam com superior destreza e apurado gosto as mais bellas composições de Haydn, de Mozart, e dos outros afamados mestres, não esquecendo as do proprio dono da casa, que, ao menos, no sentir dos seus amigos, pouco ficavam devendo ás dos melhores. Toda a familia tomava parte nos concertos, porque José Mauricio, além de ser um habilissimo organista, tocava com perfeição varios instrumentos, e entre elles todos os de arco: seu irmão Francisco Mauricio tocava rebeca e trompa; e suas irmãs eram insignes cantoras.

IX.

Corria já em meio o anno de 1810, quando Napoleão, empenhando-se com dobrado esforço na conquista de Portugal, tentada sem fructo no anno antecedente, e tida como indispensavel para a realisação de planos desde muito concertados, determinou terceira invasão n'este reino, destinando para ella um formidavel e aguerrido exercito de setenta mil combatentes. Foi dado o commando ao marechal Massena, que por suas brilhantes proezas em campanhas anteriores, adquirira o titulo de principe de Essling, e o cognome famoso de *Anjo da victoria*. Penetrando pela provincia da Beira, e conseguindo assenhorear-se em breve da praça de Almeida, o general francez, como que certo do triumpho, e vanglorioso da reconhecida superioridade das suas tropas sobre os cincoenta mil homens do seu adversario, gente inferior em numero e qualidade, chegára a persuadir-se de que a sua marcha até Lisboa seria pouco mais ou menos um verdadeiro passeio militar. Bem longe estava de antever a seria resistencia que lord Wellington lhe preparava, e de que ia prestes offerecer-lhe a primeira amostra nas montanhas do Bussaco! Entretanto, no systema de defesa, adoptado pelo commandante geral britannico, entrava como elemento importantissimo a completa evacuação das terras, que era forçoso deixar á mercê do inimigo, para reconcentrar prudentemente as forças alliadas, collocando-as na situação de poderem obrar com vantagem, quando a sazão o permittisse.

Em conformidade, pois, com este systema, foi que na tarde de 30 de setembro, achando-se quasi á vista as avançadas do exercito francez, se intimou aos moradores de Coimbra, sem distincção de sexo, edade ou classe, a ordem peremptoria de desampararem incontinente suas casas, deixando-as expostas á pilhagem, e seguirem precipitadamente o caminho da capital, sujeitos aos incommodos e perigos de uma jornada de trinta legoas, vencida a pé, na falta de transportes (empregados todos desde muitos dias no serviço militar), e o que é mais, desprovidos de roupas, de mantimentos, e de todo o conforto necessario á vida! Passemos um véo por cima d'este quadro de angustia, não insistindo agora na recordação de scenas tão funestas e lamentaveis.

Entre os conimbricenses, que n'esta attribulada conjunctura tiveram de abandonar os seus lares, foi um d'elles José Mauricio. Acompanhado de sua familia, e partilhando a sorte de seus desgraçados companheiros, entrou em Lisboa no estado que é facil de imaginar. Aqui permaneceu até que as circunstancias consentiram aos povos o regresso para as suas terras, o que só veiu a verificar-se em março e abril do anno seguinte. Foi durante este intervallo de soffrimentos e privações no presente, e de incerteza e receios pelo futuro, que o inspirado mestre achou todavia em si forças, e recursos sufficientes para produzir mais um parto do seu engenho, que na opinião de bons entendedores bastaria por si só a perpetuar-lhe o nome, tornando a sua memoria para sempre famosa nos annaes da arte musical.

É este o celebre e conhecido *Miserere*, obra prima no seu genero, escripto para se cantar nas matinas da semana santa, e que pela primeira vez se executou em Coimbra na capella da universidade, no anno que immediatamente se seguiu ao da retirada de Massena.

O sr. dr. Fonseca se recorda com intima complacencia de ter assistido áquella religiosa solemnidade, e ver seu mestre regendo o coro, com a pericia e dignidade que lhe eram habituaes, tresbordando de prazer, e cheio de enthusiasmo pelo magnifico effeito da sua assombrosa composição! N'ella entravam só tres vozes, alto, basso e soprano, por não haver outras de quem podesse com segurança confiar-se o bom desempenho. Executou a parte de tiple um estudante de medicina, de appellido Sá, que na sua patria vivia ainda não ha muito tempo.

Esta peça continuou a ser admirada e applaudida durante muitos annos successivos. O meu estimavel amigo dr. Rodrigues de Gusmão, em uma das cartas com que frequentemente me distingue, falla saudoso do tempo em que ouvia o *Miserere*, que nas sumptuosas funcções da semana santa, mandadas celebrar na sé de Coimbra com grande esplendor pelo bispo D. fr. Joaquim de Nazareth, se cantava sempre em sexta feira maior.

É de presumir que seria esta a derradeira composição de José Mauricio. Pouco tempo depois, na villa da Figueira da Foz, onde annualmente costumava ir para uso de banhos, um ataque de apoplexia fulminante o roubou á patria e aos seus amigos, em 12 de setembro de 1815, tendo 63 annos e alguns mezes de edade. Foi sepultado o seu cadaver no convento de Santo Antonio da mesma villa.

X.

José Mauricio era homem de estatura ordinaria, porém mui grosso e reforçado: rosto redondo, e no-

tavel por sua gravidade e compostura. A necessidade o obrigava a servir-se de oculos fixos, usando-os principalmente quando regia ou tocava. Em casa de sua familia se conservou por muito tempo o seu retrato, curiosamente feito á penna por Basilio Ferreira Golarte, irmão do lente que foi de medicina, Angelo Ferreira Diniz. Este retrato estava collocado na parede da sala, entre os de Pleyel e Haydn. O sr. dr. Fonseca promette entrar em indagações para verificar se ainda existe, e onde pára actualmente.

Gozou sempre da maior consideração e estima, da parte dos amigos que podiam apreciar de mais perto o seu merito e virtudes. Não era menor o respeito que lhe tributavam todos os seus collegas. Conta-se a este proposito que no anno anterior ao da sua morte (1814), tendo os commerciantes de Coimbra determinado celebrar um solemne triduo na egreja de Santa Cruz, em acção de graças pela paz geral, e mandando ir para esse fim de Lisboa uma escolhida orchestra, composta de habeis professores de musica vocal e instrumental, o mestre que devia regel-os, ao saber que em cima, na varanda da bacia do orgão, estava presente o celebre José Mauricio, não quiz começar sem ter primeiro a delicadeza de mandar-lhe pedir licença para o fazer.

Distinguiu-se tambem na calligraphia. A sua letra, posto que não podesse dizer-se optima, era todavia mui legivel, e clara, traçada quasi perpendicularmente. Era um caracter *sui generis*, que se não confunde com outro, e que alguns musicos seus discipulos procuraram imitar. D'entre estes sobresaiu o sr. João José Borges, organista e compositor (hoje escrivão do juizo de direito da Terra da Feira, e pae, segundo creio, do actual juiz de direito de Villa-Franca, o sr. dr. José Maria Borges). A letra d'este discipulo, bem como as suas notas musicaes, assimilham-se perfeitamente ás de seu mestre.

XI.

Resta dar a enumeração das composições de José Mauricio, que ainda existem para attestar o saber e engenho de seu auctor. Na impossibilidade de assignar-lhes a ordem chronologica, e de apresentar de cada uma d'ellas idéa mais desenvolvida e explicita, como poderia fazel-o um conhecedor da arte, limitar-me-hei a indical-as simplesmente, segundo os apontamentos que me foram communicados pelo sr. dr. Fonseca.

Entre as muitas peças de musica religiosa e canto de orgão, sobresaem por mais notaveis, depois do *Miserere*, as seguintes:

« *Matinas* de natal, a tres vozes, com acompanhamento de orgão obrigado.

« *Matinas* da Conceição.

« *Stabat Mater*, com orchestra, que dizem rivalisa com o de Haydn.

« Outro grande *Miserere* a dois coros, com instrumental.

« *Officios* da semana santa.

« Duas *Trezenas* de Santo Antonio.

« Dois volumes de *Missas* para as festividades de todo o anno, que se conservam originaes, bem como os acompanhamentos de orgão, no archivo da cathedral.

« *Matinas* do Sacramento, com orchestra.

« Grande *Missa* a tres vozes, com orchestra.

« *Missa* do advento e quaresma, a cantochão alternado com musica, tudo com acompanhamento.

« Differentes *Psalmos* de vesperas.

« Um jogo de *Responsorios* da semana santa.

« Varias *Sonatas*, etc. »

Tratando de informar-me ácerca do destino da familia e parentes do insigne professor, soube que existe ainda em edade mui provecta a viuva de seu irmão Francisco Mauricio, e uma filha d'este. Esta senhora, que foi casada com um inglez, por nome Matheus Bell, empregado no commissariado do exercito no tempo da guerra peninsular, do qual lhe ficaram alguns filhos, vive com elles e com sua mãe em uma quinta, que possuem no sitio da Zombaria, proximo de Coimbra, conservando comtudo na cidade a antiga casa de seus antepassados, situada no beco das Fornalhinhas.

Darei fim por agora a estas noticias, que assim mesmo, succintas e truncadas, não serão por certo destituidas de interesse, pois se encaminham a salvar do esquecimento a memoria de um varão illustre, que, não sendo ellas, ia em risco de perecer de todo por falta de quem se encarregasse de transmittil-as ao conhecimento dos vindouros.

INNOCENCIO FRANCISCO DA SILVA.

O GALLEGO D'ESQUINA.

O gallego passa por ser a brutalidade, a estupidez e a avareza encarnada n'uma figura de gente.

Por isso se diz de todo o sordido e mal creado: « É um gallego. »

Effectivamente, os filhos de Tuy não são gente, e nós não podêmos atinar com a razão por que os naturalistas se hão esquecido d'estes brutos, que só de humanos tem a figura, se bem que aterradora, e logo á primeira vista mostrando o que é, isto é, *a figura de um gallego.*

Um gallego diversifica tanto do homem, que nem mesmo encadernado n'uma casaca se confunde com elle. Mas não carecemos de o ir comparar n'esta contingencia. Confrontemol-o n'aquella em que, se se parecesse ou assimilhasse a um homem, se confundiria necessariamente com um fragateiro.

Tomemos o gallego d'esquina, que a nossa estampinha representa. Este gallego, que abunda pelas margens do Tejo e convisinhanças mais proximas d'estas, como as ortigas nas margens das estradas, tomou, talvez por isso, no vestuario, o costume dos fragateiros. Camisola de malha, calça de ganga azul, cinta, chapeo desabado, e só nas *chancas*, na corda; no chouriço e páo, fazendo differença, porque diz a isso que não sabe dançar sem corda e maromba, e muito menos andar sem ferraduras.

Pois, senhores, apesar d'isso, ainda ninguem confundiu um gallego d'esquina com um fragateiro.

Se no tempo de Diogenes houvesse gallegos, não teria este philosopho o trabalho de depennar um gallo para responder á extravagancia do equivoco com que Platão definiu o homem. Entrando com um gallego pelo portico, entrava com o exemplo litteral, ou, para melhor dizer, com a apotheose de definição, porque o gallego é effectivamente *um animal de dois pés sem pennas.*

— « Eis-aqui o vosso homem » diria então Diogenes sem metaphora, e o ridiculo não castigaria menos o crime de lesa-humanidade.

Não obstante, porém, o gallego ser animal irracional, e toda a repugnancia de que, dos pés á cabeça, nos infiltra, em consequencia da sua figura, indole e educação, passa, em geral, como homem, o que pouco cuidado nos daria, se para cumulo de contradicção e destemperos, não gozasse de prerogativas politicas, moraes, sociaes e physicas, como nenhum filho de Eva associado, teve ainda a commodidade e fortuna de obter.

Pois não é assim!?

O gallego passa como homem, é mais forte e vigoroso que um burro, e está isento do recrutamento!

O gallego vive da sua industria, e não paga decima!

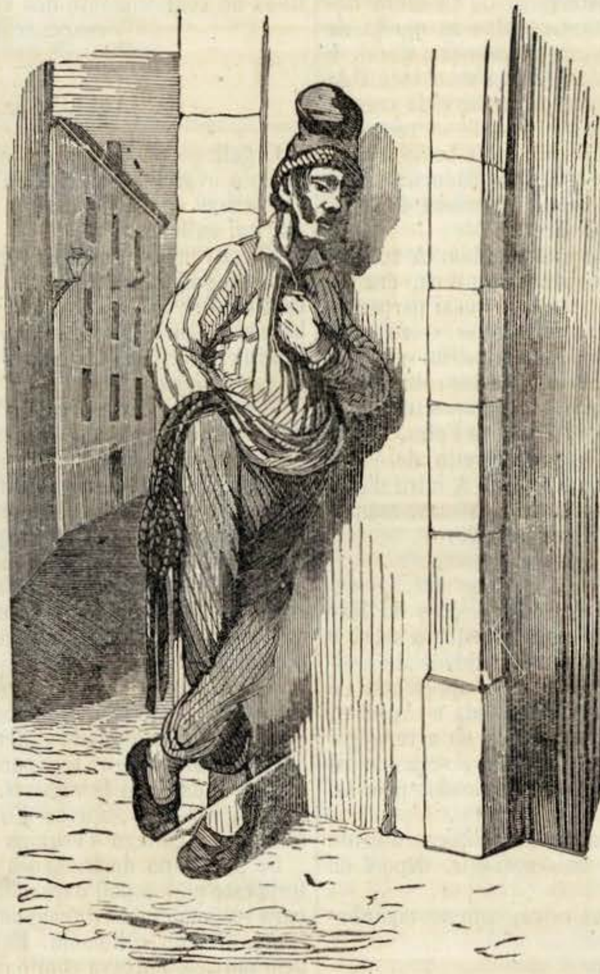
O gallego possue a solidez e as forças para carregar indefinidamente, e permitte-se-lhe que passe a maior parte do tempo a resonar pelas esquinas!

Os mais, se querem trabalho, procuram-n'o, e não sem graves difficuldades o acham; mas o gallego, esse espera que o trabalho vá ter com elle, e sempre com tal regularidade, que lhe dá para juntar o seu conto, dois e ás vezes mais!

O gallego é a lingua mais viperina que tem a insolencia e impiedade de fazer vibrar as innocentes camadas do ar; a lingua d'um gallego é peior que o ferrão d'uma vespa, que o acido prussico, que a lingua d'uma beata; os dentes do crocodillo não cravam mais, nem o couce d'uma alentada cavalgadura molesta tanto; confiar segredos a um gallego é o mesmo que tocar na mola da sua lingua, e comtudo o gallego é o confidente, o depositario, o Mercurio dos amores, cuja principal alma é o segredo e o mysterio!

Uma namorada em distancia permanente, e uma amante em distancia provisoria, sem um gallego são o mesmo que uma nação sem diplomacia. O gallego é, por excellencia, o installador, o negociador, o conservador, e o parlamentario, no caso de desarranjo, de toda a casta d'amores.

Amores sem gallego, são amores sem pernas, que tem onde voar, mas não onde andar. E para este laborioso emprego, diga-se a verdade, parece não haver quem mais geito tenha do que os filhos de Tuy.



O gallego d'esquina.

As honras do aphorismo que diz « Para os amores não ha distancia nem difficuldades » pertence de legitimo direito ao gallego, porque é este quem encurta aos amores a distancia e lhes aplana as difficuldades.

Ainda mais. As honras do exito pertencem-lhe ainda todas, porque é elle que tem as melhores lembranças. Os namorados deliniam, ás vezes, planos que, se não fosse o gallego encarregado do expediente, ficariam irremediavelmente perdidos.

Confia-se tanto n'um gallego, que é o unico que entre os amores não anda enganado, e que, pelo contrario, traz enganados os amores. Isto acontece quando, por exemplo, o encartado Mercurio váe entregar uma cartinha a um namorado que imagina ser o unico amado, e a quem o gallego diz de cada vez: «*á minina istá xempre á xurar pelo xenhor*», e leva mais tres ou quatro para entregar a outros.

Muito feliz é o gallego!

Se o leitor quer aproveitar-se do seu prestimo, elle alli está encostado áquella esquina. Chame-o, mas prepare a bolsa, porque não dá ponto sem nó. Serve de correio amoroso, e carrega como verdadeiro bruto que é.

É verdade, esqueciamos esta: o gallego em nada se parece com a gente; mas ha muita gente que se parece com o gallego.

E notaremos mais: Que uma carapuça nunca foi um paradoxo.

Explicação do enigma do numero antecedente.

O governo passado remiu com 336,000 francos 110 negros presos na barca *Charles et George*.

LISBOA — Typographia de Castro & Irmão, Rua da Boa-Vista 4 P